

# Beatriz Lindenberg: corpo em movimento

Thales Matos Martins <sup>1</sup>

Beatriz Lindenberg (1985) é uma paulistana da nova geração de artistas que vêm trazendo fôlego para debates relevantes no mundo atual. Em um contexto em que as tecnologias digitais se tornam cada vez mais presentes, nossa vida cotidiana acelera exponencialmente, gerando novos dilemas para a sociedade. Entre eles, a vivência de experiências realmente transformadoras se torna cada vez mais rara. Frente a esta questão, o pensador espanhol Jorge Larrosa Bondía (1954) refletiu que, para que algo realmente nos aconteça, é necessário interromper essa rotina frenética e desacelerar. Isso envolve pensar, olhar, escutar e sentir com mais calma, prestando atenção aos detalhes e valorizando o encontro consigo mesmo e com o outro. <sup>2</sup>

Nesse sentido, preservar e potencializar uma dimensão artesanal em nossa sociabilidade é essencial para nos relacionarmos com experiências verdadeiramente significativas. Na arte brasileira, isso é algo particularmente marcante. O crítico Rodrigo Naves (1955) aponta que essa característica está profundamente enraizada em muitos artistas brasileiros devido à nossa história periférica no capitalismo, marcada pela colonização e suas consequências. Essa trajetória resultou em uma urbanização e industrialização tardias, favorecendo a formação de um Brasil bastante desigual, onde o passado nunca deixa de se fazer presente. <sup>3</sup> No entanto, essa singularidade histórica contribui para uma rica diversidade cultural, onde tradições permeadas por uma dimensão artesanal, como festas populares, rituais, lendas, folclore, culinária, música, dança e produções artísticas, se destacam.

---

<sup>1</sup> Thales Matos Martins possui graduação em História pela PUC-SP, formação em Artes Plásticas pela Panamericana e pós-graduação em História da Arte pela FAAP. É mestrando em História pela PUC-SP, pesquisando sobre o artista sergipano Cícero Alves dos Santos, mais conhecido como Véio. Desde 2008, trabalha na área da Educação, atuando em diversas funções da Educação Infantil ao Ensino Médio. Atualmente, é professor de História da Arte e gestor de Ciências Humanas em uma escola privada de São Paulo.

<sup>2</sup> BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002. p. 24.

<sup>3</sup> A dimensão artesanal que atravessa boa parte da produção artística brasileira é analisada no livro *A forma difícil: ensaios sobre a arte brasileira*.

Esse traço artesanal também marca o trabalho de Beatriz. Em contraste com a urgência do “mundo moderno”, suas obras são atravessadas por formas orgânicas e gestos repetitivos e constantes, que dialogam com uma outra temporalidade. Além disso, procura utilizar materiais naturais e cores predominantemente terrosas, revelando uma proximidade com o mundo natural, diferentemente da lógica ocidental, que “carrega a ideia de cultura em oposição à de natureza”.<sup>4</sup> Com essa abordagem, a artista busca experiências que proporcionem descobertas e transformações pessoais. Entre elas, estuda e exercita caligrafia tradicional europeia, do-ho, uma prática corporal japonesa, e yoga. Nesse processo, descobriu o corpo como tema central de suas pesquisas e produções.

Ao longo da história, o corpo feminino foi bastante controlado, cerceado, objetificado, sexualizado e violentado. Muitas artistas mulheres encontraram nesse tema uma forma de resistir, tensionar e propor rotas alternativas para um mundo mais justo e igualitário. Beatriz Lindenberg é uma dessas artistas.

Investigar o corpo levou Beatriz a experimentações que buscassem explorar a sua amplitude, conferindo ao seu trabalho dimensões cada vez maiores. Com essa mudança, seu processo artístico também se modificou: os suportes passaram a ficar apoiados na parede e, posteriormente, também a ocupar o chão.<sup>5</sup> Esse processo, extremamente íntimo e carregado de questões profundas, só pode ser realizado na solidão, como revela a artista. Trabalhar com o corpo é essencial para ela, mas também muito difícil e desconfortável. Essa tensão constante, resultante da interligação entre as histórias das mulheres e a sua própria, é visível em suas produções. Ao analisá-las, ficamos com a impressão de que o corpo se revela e, ao mesmo tempo, se esconde, se inibe. Dessa ambiguidade e tensão, sua obra ganha identidade e potência, em um percurso incessante de descoberta do próprio corpo. Segundo Beatriz, “A produção [...] me aproxima e me distancia do corpo que investigo.”, pois “quanto mais eu descobro, mais ele fica infinito”. Dessa infinitude, se desdobram diversas questões, caminhos, materiais, temas e linguagens para a artista.

---

<sup>4</sup> KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 84.

<sup>5</sup> É interessante notar uma grande semelhança nessa necessidade de expandir as dimensões do trabalho para explorar melhor as potencialidades do corpo com as *drip paintings* de Jackson Pollock (1912-1956), um artista fundamental para a inserção do corpo na pintura. Para entender melhor essa relação, vale a pena analisar o vídeo e as fotos de Hans Namuth (1915-1990) durante o processo de trabalho do artista estadunidense.

Aprofundando-se nessas infindáveis possibilidades, Beatriz Lindenberg desenvolveu uma característica peculiar em seus trabalhos: ao mesmo tempo que remetem ao que se convencionou chamar de arte moderna, revelam uma relação intensa com várias particularidades da arte contemporânea.<sup>6</sup> O evidente interesse estético, principalmente em suas produções menores, como em *Corpo fora n4* (2022), destaca a gestualidade da artista. Essas obras apresentam um diálogo de Beatriz com o primeiro período artístico, onde o protagonismo se volta para o objeto de arte. No entanto, uma das marcas da arte contemporânea é a quebra com as especificidades artísticas. Até a metade do século XX, os artistas eram geralmente categorizados como pintores ou escultores. Beatriz não se limita a apenas uma linguagem; suas produções navegam entre aquarelas, desenhos, pinturas, fotografias, gravuras, performances e vídeos, o que abre espaço para provocar outros sentidos, além da visão. Em seus trabalhos maiores, a experimentação torna-se mais evidente, estabelecendo um foco maior para o processo. Isso fica nítido em duas obras que exploram o gesto artístico a partir do umbigo, utilizando os mesmos materiais: bastão à óleo sobre papel. No vídeo *Embaraço* (2023),<sup>7</sup> a artista desenhou aproximadamente 270 círculos ao redor da região, enquanto em *Caligrafia do corpo* (2023), ela fez uma circunferência com o braço direito, esticando-o ao máximo ao expirar e encolhendo-o novamente até o umbigo ao inspirar. Ao analisar os resultados desses processos, um aspecto que atravessa sua produção salta à vista: a artista não utiliza molduras.

Suas obras parecem não querer se prender nelas mesmas, e buscam o espaço, a arquitetura, o diálogo com o entorno. Essas relações nos remetem à “linha orgânica”, de Lygia Clark (1920-1988),<sup>8</sup> uma artista brasileira mulher que é fundamental para várias das questões que atravessam o trabalho de Beatriz Lindenberg.

---

<sup>6</sup> Para muitos críticos, teóricos e historiadores da arte, a arte moderna teria começado na segunda metade do século XIX e acabado no final da década de 1950, dando início ao que se convencionou chamar de arte contemporânea.

<sup>7</sup> A obra *Embaraço* foi selecionada para a *XXIII Bienal Internacional de Arte de Cerveira*, em Portugal, que ocorre entre julho e dezembro de 2024.

<sup>8</sup> O escritor Ferreira Gullar (1930-2016) fez uma análise reveladora das obras em que Lygia Clark emprega as “linhas orgânicas”: “Ao delimitar esse retângulo de tela a que se convencionou chamar ‘quadro’, a moldura separa uma porção de espaço dentro do espaço. Separa-a e qualifica-a, emprestando-lhe a significação especial de espaço pictórico, e de tal modo que, mesmo numa obra frustrada, subsiste uma relação entre aquele espaço e a pintura: é um mau quadro mas é um quadro. Quando rompo a moldura, destruo esse espaço estanque, reestabelecendo a continuidade entre o espaço geral do mundo e meu fragmento de superfície. O espaço

Nesse possível diálogo entre as artistas, uma obra bastante diferente do conjunto de trabalhos de Beatriz se destaca: sua única proposição,<sup>9</sup> *Espaço para gritar* (2022), que foi realizada na praça Horácio Sabino, em São Paulo. O grito aparece nesta obra como um levante, uma abertura que revela outras tantas possibilidades que a artista, se tiver interesse, ainda pode percorrer. Nele, há um convite para que o antigo observador se torne um participante do trabalho e, com isso, experimente o seu corpo de uma outra forma.

Diante dessas questões, fica evidente o potencial de Beatriz Lindenberg. Agora, cabe a nós acompanhar de perto seus próximos passos e, quem sabe, protagonizar alguns de seus futuros trabalhos.

Julho de 2024



Figura 1. *Corpo fora n4*, Beatriz Lindenberg, Aquarela terrestre, aquarela mineral e aquarela grafite sobre papel de algodão rasgado, 2022, 70 x 58 cm. Foto de Beatriz Lindenberg.

---

pictórico se evapora, a superfície do que era ‘quadro’ cai ao nível das coisas comuns e tanto faz agora esta superfície como a daquela porta ou daquela parede. Na verdade, liberto o espaço preso no quadro, liberto minha visão e, como se abrisse a garrafa que continha o Gênio da fábula, vejo-o encher o quarto, deslizar pelas superfícies mais contraditórias, fugir pela janela para além dos edifícios e das montanhas e ocupar o mundo. É a redescoberta do mundo.”

GULLAR, Ferreira. *Etapas da arte contemporânea. Do cubismo à arte concreta*. Rio de Janeiro: Revan, 1999. p. 271 e 272.

<sup>9</sup> Ao denominar suas obras como proposições, Lygia Clark descreveu sua proposta da seguinte forma: “Somos os propositores: somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido de nossa existência. Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos; existimos a vosso dispor. Somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação. Somos os propositores: não lhe propomos nem o passado nem o futuro mas o agora.”

apud. MILLIET, Maria Alice. *Lygia Clark: Obra-trajeto*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992. p. 156.



Figura 2. *Caligrafia do corpo*, Beatriz Lindenberg, Bastão à óleo sobre papel, 2023, 144 x 140 cm. Foto de Beatriz Lindenberg.



Figuras 3-5. *Caligrafia do corpo*, Beatriz Lindenberg, Bastão à óleo sobre papel, 2023, 144 x 140 cm. Fotos de Beatriz Lindenberg. (registro do processo)



Figura 6. *Embaraço*, Beatriz Lindenberg, vídeo, 2023, 10'11". (frame do vídeo)

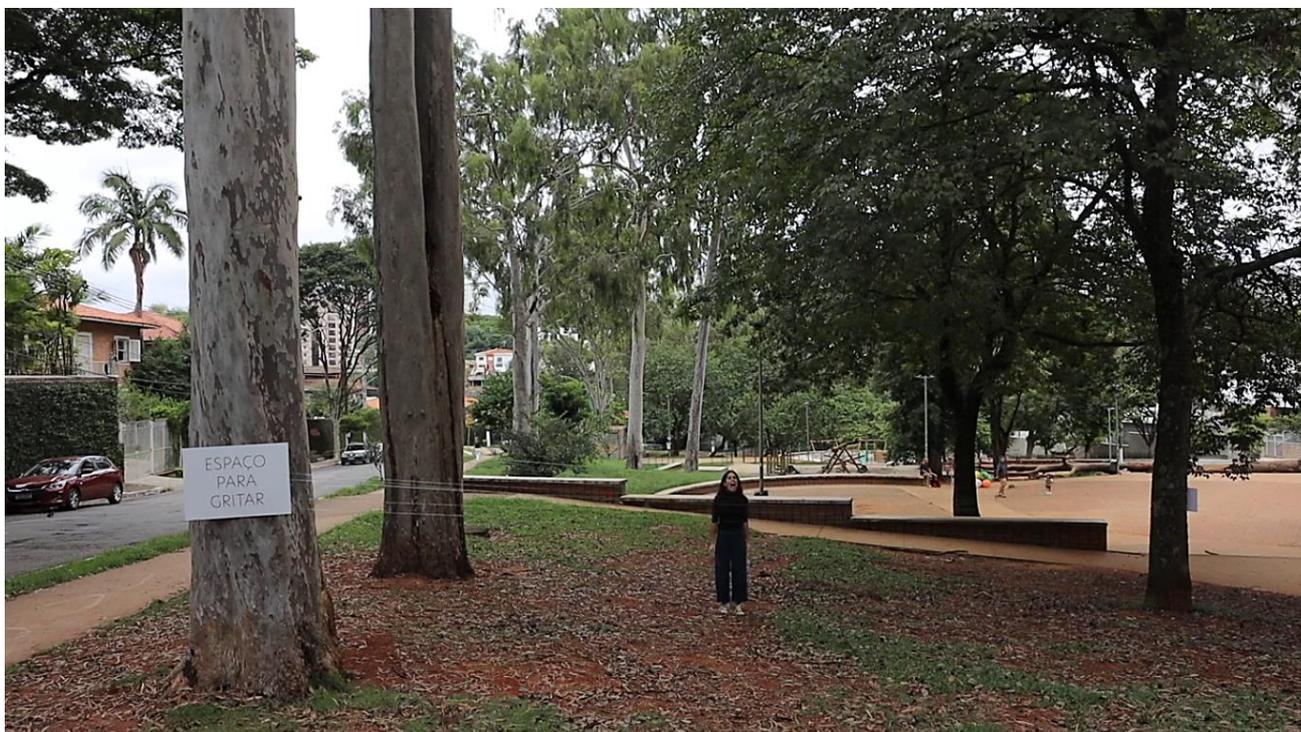


Figura 7. *Espaço para gritar*, Beatriz Lindenberg, 2022, ação realizada na praça Horácio Sabino, São Paulo. (frame do vídeo)